



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Cuidado ambiental na agricultura familiar

Rosa Adeyse Silva¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
<http://orcid.org/0000-0001-9928-555X>

Maria Betânia Ribeiro Torres²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
<https://orcid.org/0000-0003-3556-3797>

Resumo: Este trabalho teve como objetivo identificar a percepção de cuidado e de cuidado ambiental de pequenos agricultores familiares, membros de uma cooperativa do interior Rio Grande do Norte. A pesquisa buscou, ainda, compreender os cuidados necessários à produção dos orgânicos; e, verificar como os agricultores cuidam de si, de seu ambiente familiar e da comunidade em que vivem. A pesquisa qualitativa e de campo revelou que a percepção do cuidado dos entrevistados está relacionada ao zelo e prevenção. Ao zelo no sentido de zelar pela natureza e pelas pessoas do convívio dos agricultores; e, a prevenção no contexto da saúde, que, por vezes, é esquecida e descuidada, e com a alimentação. O cuidado ambiental é percebido no zelo pelo meio ambiente, pelos recursos naturais disponíveis na fauna e na flora e no manejo com a produção.

Palavras-chave: Produção Orgânica; Zelo; Cooperativa.

Cuidado ambiental en la agricultura familiar

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo identificar la percepción de cuidado y cuidado ambiental de pequeños agricultores familiares, miembros de una cooperativa en el interior de Rio Grande do Norte. La investigación también buscó comprender el cuidado necesario para la producción de productos orgánicos; y cómo los agricultores se cuidan a sí mismos, a su entorno familiar y a la comunidad en la que viven. La investigación cualitativa y de campo reveló que la percepción del cuidado de los encuestados está relacionada con el celo y la prevención. Celo en el

¹Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN/PPGCISH. Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. É bacharel em Administração pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. e-mail: rosaadeyse@gmail.com.

²Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade Frassinetti do Recife (1989), mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2003), doutora em ciências sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). e-mail: betanimatorres@gmail.com.

sentido de cuidar la naturaleza y la gente de los granjeros; y prevención en el contexto de la salud, que a veces se pasa por alto y se descuida, y con los alimentos. El cuidado ambiental se percibe en el celo por el medio ambiente, los recursos naturales disponibles en la fauna y flora y en el manejo con la producción.

Palabras clave: Producción orgánica; Celos; Cooperativa.

Environmental care in family farming

Abstract: This study aimed to identify the perception of care and environmental care from small family farmers, members of a cooperative in the interior of Rio Grande do Norte. The research also sought to understand the necessary care for the production of organics; and how farmers take care of themselves, their family environment and the community in which they live. Qualitative and field research revealed that the perception of care of respondents is related to zeal and prevention. Zeal in the sense of caring for the nature and the people related to the farmers; and prevention in the context of health, which is sometimes overlooked and neglected, and with food. Environmental care is perceived in the zeal for the environment, the natural resources available in the fauna and flora and in the management with production.

Keywords: Organic production; Zeal; Cooperative.

INTRODUÇÃO

O cuidado engloba áreas extensas e complexas “que vão desde o cuidado de si, do outro, do meio ambiente, da natureza e do planeta como um todo”. Tendo em vista a sua complexidade, o cuidado visa sempre mais a união e integração entre os distintos aspectos de vida que sofrem ameaças. Com isso, ao se pensar em cuidado, se pensa também no indivíduo e em suas formas de relacionamento com os demais indivíduos, assim como na sua relação com o meio em que se insere (BACKES et al., 2011, p. 877).

A inclusão da pauta ambiental na agricultura familiar foi instituída por meio de lutas e no processo histórico de integração entre comunidades tradicionais e movimentos populares do campo, que vem também apontar a importância do movimento por uma Agricultura Alternativa, que teve seu início a partir da década de 1970, em que começa a ganhar espaço nacional, tendo suas forças ampliadas nos anos de 1980, passando a exercer influências decisivas nas organizações da agricultura familiar (BERNAL e MARTINS, 2015).

Finatto e Salamoni (2008) consideram que ao se tratar da temática ambiental no meio rural, se faz necessário destacar os processos de degradação que recebem um peso maior, tais como: a destruição de florestas nativas para desenvolvimento de atividades agropecuárias; o desmatamento feito de forma indiscriminada e em grande escala; o uso

abusivo e indiscriminado de agrotóxicos, e; o perigoso aumento das concentrações de poluentes em águas de superfície e lençóis freáticos.

Sabe-se que na produção agrícola familiar, em sua maioria, os pequenos agricultores não se utilizam de grandes recursos, como maquinário, ou contratação de mão-de-obra, isto porque a produção é quase sempre destinada para o consumo próprio. Considera-se, ainda, que a agricultura familiar traz consigo um recurso produtivo que tem andado de mãos dadas com o desenvolvimento sustentável, a produção de orgânicos, que dispensa antigas práticas prejudiciais ao meio ambiente.

Assim, o objetivo deste trabalho foi identificar a percepção de cuidado e de cuidado ambiental de pequenos agricultores familiares, membros de uma cooperativa do interior Rio Grande do Norte. A pesquisa buscou, ainda, compreender os cuidados necessários à produção dos orgânicos; e, verificar como os agricultores cuidam de si, de seu ambiente familiar e da comunidade em que vivem.

Construção do cuidado e caminhos para o cuidado ambiental

Boff (2005, p. 29) considera que o cuidado, em sua própria natureza, contempla dois significados básicos que são profundamente ligados entre si. O primeiro significado se refere a “atitude de desvelo”, em se solidarizar e se preocupar com outrem. Já a segunda significação, nasce por meio da primeira, a atenção, a preocupação e o zelo pelo outro, pelo fato do envolvimento e afetividade com o outro. O autor segue dizendo que:

É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, chama-se cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, evocou-nos um sentimento profundo e provocou cuidado em nós deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente em nós (BOFF, 2005, p. 29).

Kuhnen (2010, p. 158) acredita que “o cuidado não é regido por regras, princípios e prescrições que determinem o tipo de comportamento a ser adotado em dadas condições”. A autora relata que o cuidado é moldado mediante as relações. O cuidado encontra-se, antes de tudo, na origem da existência do ser humano, isto é, em sua essência. “[...] portanto, significa que o cuidado constitui uma presença ininterrupta, em cada momento e sempre, na existência humana. Cuidado é aquela energia que continuamente faz surgir o ser humano” (BOFF, 2005, p. 34).

Entende-se que o cuidado consiste no discernimento de identificar aquilo que é bom para si e para os que fazem parte do convívio e, assim, poder compartilhar de forma harmônica esses benefícios. Mas, também diz respeito a forma como se consegue reconhecer e abdicar daquilo que não lhes acrescenta e aos seus, e a consonância necessária para a continuidade de nossas atividades enquanto seres humanos. Então se percebe que, quando Boff (2005) fala do cuidado como uma presença ininterrupta, o autor associa essa presença a todos os aspectos da vida, a casa e todos que a constitui, o ambiente de trabalho e os colegas, os relacionamentos afetivos/amorosos, etc.

“O sentido do cuidado e/ou do cuidar integra, antes de mais, o sentido do próprio existir humano. Cuidamos naturalmente de nós e dos outros, pelo simples facto de existirmos-com-o(s) outro(s)-no-mundo” (PERDIGÃO, 2003, p. 485). O cuidar é, portanto, instintivo aos humanos. É a concretização daquilo que neles é natural, evidenciando o seu contexto ético e moral. Sobre a formalização da ética do cuidado, Boff (2013) ressalta que:

Há um dado de base que é a predisposição natural de cuidar e o desejo de ser cuidado. Esse é o dado ontológico prévio que perpassa toda a existência humana. É o caráter universal da ética. É o “bem” buscado pela ética, se quisermos falar na linguagem da ética da justiça (BOFF, 2013, p. 132).

“O cuidado não é regido por regras, princípios e prescrições que determinem o tipo de comportamento a ser adotado em dadas condições” (NODDINGS, 2003, p. 41). Mesmo partindo de uma visão particular, em que cada ser visualiza a sua própria forma de cuidar e sobre o que necessita ser cuidado, o cuidado, quando encarado individualmente, é um cuidar fechado em um critério específico e pontual. Mas dada a sua natureza, “o cuidado não precisa de critério para ser cuidado, basta-lhe o existir humano” (PERDIGÃO, 2003, p. 489).

Isto é, o cuidar é uma ação concreta comum ao ser, e mesmo diante da sua naturalidade, como a mãe que amamenta o filho recém-nascido, cuidando de sua alimentação, o cuidado não se caracteriza em uma troca, ele é doação. É uma entrega sem certeza de reciprocidade futura. Eu cuido de outrem, mas o outro, pelos motivos dele, pode não estar disposto a cuidar de mim. Então eu, que sei dedicar cuidado ao outro, ao meu trabalho, à minha casa, tenho também o dom de dedicar cuidado a mim mesmo. Pois, como ofertarei cuidado caso esteja descuidado?

Leonardo Boff, em sua obra “Saber Cuidar” (1999, p. 12) ressalta que “o que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado”, e relembra o “Tamagotchi”, o brinquedo eletrônico japonês, do final dos anos 90, que emitia sinais de alerta para o seu cuidador quando sentia fome, sede, sono e outras necessidades fisiológicas. Curiosamente, o brinquedo também tinha momentos dedicados à sua própria diversão, e caso o cuidador descuidasse de alguma dessas atividades, o Tamagotchi ia definhando e, em casos extremos de descuido, vinha a óbito virtual. O propósito da brincadeira consistia em desenvolver responsabilidades nos adolescentes, no entanto, o Tamagotchi era só mais um brinquedo, e como tantos outros, de uma forma ou de outra, era deixado de lado, substituído.

Mas, e, quando se esquecem responsabilidades para com amigos, famílias, cachorros... e as hortas orgânicas largadas no fundo dos quintais? Simplesmente os deixam partir? Cabe destacar que o cuidado, não necessariamente, só precisa ser dedicado àqueles que são amados e fazem parte dos convívios, cuidar é uma ação, e assim como um ato de amor é cuidado, um ato de caridade àquele morador de rua da cidade também é cuidado.

O cuidado não é apenas essencial nos processos vitais, especialmente nos relacionamentos pessoais e sociais, seja como cuidado-amoroso, como cuidado-preocupação ou seja como cuidado-precaução, mas também está presente em todo o processo evolucionário. [...] o cuidado se transforma numa exigência da vida, pois sem ele esta não conseguiria se produzir e reproduzir (BOFF, 2013, p. 40-41).

No cuidado ambiental, o “Cuidar do ambiente” é uma expressão comum em cartilhas e manuais de educação ambiental, bem como folhetos destinados a campanhas de proteção ambiental, dando a entender que a sociedade sabe, exatamente, o significado e utilidade da expressão. Aparentemente, o cuidado ambiental se apresenta como um elemento presente na sociedade e na relação dos indivíduos com o ambiente, “mas praticamente ausente como categoria estudada em pesquisas que visam compreender os posicionamentos pró ou antiambientais das pessoas” (PINHEIRO; PINHEIRO, 2007, p. 26).

As ideias sobre o cuidado ambiental são, muitas vezes, ideias prontas, representadas de qualquer forma e, logo, dissonantes de toda a subjetividade envolvida. Organizações empresariais que, por exemplo, estampam nos rótulos de seus produtos que são “amigas da natureza” e a disseminação de um pseudo-marketing verde denotam cada vez mais “a

imagem do que o ambiente deve ser e o que se deve fazer, ou não”, denominando essas ideias a um possível cuidado ambiental (MARQUES e ARAÚJO, 2016, p. 216).

Corral-Verdugo (2001) afirma que as pessoas que possuem maior grau de escolaridade costumam expressar maior preocupação ambiental, em contrapartida, as pessoas com menor grau de escolaridade não comungam dessa preocupação e não estariam dispostas a sacrificarem alguns costumes e práticas em prol do meio ambiente. Entende-se que essa postura ambientalmente favorável, de pessoas mais instruídas, é fruto da inserção da EA no âmbito escolar.

Bassani (2012, p. 130) defende que “a rigor, a educação ambiental pode fornecer o instrumental para solução ou prevenção de problemas ambientais identificados, cabendo a outras áreas do conhecimento fornecerem as informações para efetivar as transformações propostas”. Contudo, Corrêa e Bassani (2015, p. 641) alertam que:

O cuidado ambiental convoca, portanto, a presença de um sentido, de um significado que transite do individual ao coletivo e articule o momento presente, e os valores que ele conserva, ao futuro como prelúdio e extensão da vida no planeta. Os diálogos e ações realizadas nos últimos cinquenta anos da história enfatizam as alternativas que são imprescindíveis para a sobrevivência do planeta e para a garantia da vida humana. Todavia, sem uma noção de sentido, o cuidado ambiental pode caducar.

Quanto a isso, Marques e Araújo (2016, p. 214) complementam que “o mundo, dito contemporâneo, habituou-se a deliberar a partir de análises econômicas e científicas, sem qualquer preocupação com os aspectos éticos envolvidos ao se tratar de Cuidado Ambiental”. Ou seja, durante muito tempo os recursos naturais puderam atender às demandas das indústrias, do agronegócio e da economia como um todo, e a possível escassez desses recursos pode ter demorado a virar motivo de preocupação para os gestores. Todavia, é descuidar do fato de não pensar no desenvolvimento sustentável, pois de nada adianta manter a sustentabilidade econômica e vir a falhar nos aspectos sociais e ambientais.

Entende-se que refletir o cuidado ambiental, tendo como base a psicologia ambiental, imprime no indivíduo um sentido de responsabilidade, o desejo de conservação dos recursos naturais, observando também os contextos de valores, conduta e ética. É a compreensão de que o cuidar ambiental, ou o “Cuidar da Terra”, conforme afirma Boff (2013), é manter a sua beleza e a riqueza de sua fauna e flora, objetivando o cuidado da sua

maior produção, que é a humanidade, homens e mulheres convictos da necessidade de cuidar do ambiente em que se vive. E assim:

Consciente de si mesmo, e sustentando a autenticidade para responsabilizar-se, poderá cuidar de si, e enquanto cuida de si, poderá cuidar do outro e do meio ambiente, certificando-se que cabe a si esta tarefa, cuidando, conseqüentemente de si. Nesta dinâmica do cuidado, as inter-relações se conjuntam e integram (CORRÊA; BASSANI, 2015, p. 646).

Por fim, na certeza de que o equilíbrio e o bem-estar ambiental refletem, diretamente, no bem-estar e na qualidade de vida, o cuidado ambiental vem despertar, também, nas gerações contemporâneas, o respaldo de conservar o que há de belo e agradável no ambiente, para que as gerações futuras também possam usufruir dos recursos ambientais. Isso é cuidar e se solidarizar com o próximo.

Agricultura familiar de base agroecológica

A organização produtiva da agricultura pode ser diferenciada de duas formas, a primeira delas é a agricultura familiar, ou seja, o processo de produção em que predomina a interação entre gestão e trabalho; são os agricultores familiares que dirigem o processo produtivo, dando ênfase na diversificação e utilizando o trabalho familiar, eventualmente complementado pelo trabalho assalariado. Já o segundo formato, chamado agricultura patronal, contempla a mão-de-obra contratada empregada na propriedade superando a de origem familiar (PEIXOTO, 2008).

Abramovay (1992) defende que a agricultura familiar deve ser interpretada como uma forma viável de desenvolvimento propiciando melhores condições de vida, desenvolvimento sustentável e luta contra a pobreza. Assim, poderá se utilizar como fator social capaz de transformar o pensamento dos que observam o meio rural com desvalorização socioeconômica.

As discussões sobre o papel da agricultura familiar vêm sendo cada vez mais exploradas por meio de debates que têm como foco o desenvolvimento sustentável, além da geração de emprego e renda e a segurança alimentar. Ainda, se faz necessário “resgatar a dívida social com a agricultora familiar em decorrência da agricultura moderna”, afirma Gomes (2004, p. 01).

Finatto e Salamoni (2008) complementam que a agricultura familiar demonstra características peculiares, sendo a utilização da mão-de-obra familiar sua característica mais evidente, apresentando, ainda, espaço territorial menor e com racionalidade direcionada a atender, primeiramente, às necessidades das famílias. Atendidas essas necessidades, o excedente de produção é destinado à comercialização, garantindo assim a subsistência familiar antes de qualquer negociação daquilo que se produz, o que acaba por evidenciar, também, o propósito da agricultura familiar, com a soberania alimentar de seus atores.

Mas, afinal, o que a agricultura familiar tem em comum com a agricultura orgânica? Considera-se que, para os pequenos agricultores familiares, a agricultura de base agroecológica pode ser visualizada como uma atividade que possibilita a diversificação da produção e lhes conferem mais vantagens no mercado consumidor e estabilidade da renda. Com isso, somando a agricultura familiar com a produção agroecológica e às práticas de consumo consciente, é possível se obter resultados de um cenário comercial melhor para o agricultor, e de uma ação integrada com a preservação ambiental, social e econômica, tornando cada vez mais sustentáveis as práticas da agricultura familiar.

A agricultura orgânica tem se destacado como uma alternativa de fonte de renda para os pequenos agricultores familiares, justamente porque mundialmente os consumidores têm optado por alimentos mais saudáveis (CAMPOHOLA; VALARINI, 2001). De acordo com Souza (2009), foi o inglês Sir Albert Howard que conceituou a agricultura orgânica entre os anos 1925 e 1930, quando fez pesquisas sobre o tipo de agricultura praticada por camponeses da Índia.

Howard ressaltava a importância da utilização da matéria orgânica e da manutenção da vida biológica do solo. Resumidamente, agricultura orgânica é o sistema de produção que exclui o uso de fertilizantes sintéticos de alta solubilidade, agrotóxicos, reguladores de crescimento e aditivos para a alimentação animal, produzidos sinteticamente. Sempre que possível baseia-se no uso de esterco animal, rotação de culturas, adubação verde, compostagem e controle biológico de pragas e doenças (SOUZA, 2009, p.124).

A produção agroecológica que vem se desenvolvendo nas pequenas propriedades do território do semiárido nordestino, por exemplo, tem se destacado por ser uma atividade que motiva agricultores familiares a investirem mais em qualificação e manutenção de práticas sustentáveis que o manejo agroecológico oportuniza. Nessa perspectiva, a agricultura familiar praticada no sertão nordestino, vem propiciando uma relação

harmoniosa entre o homem e o meio natural. Com isso, a prática da agroecologia no semiárido é consolidada “na medida em que os agricultores familiares nutrem-se de uma visão mais aprofundada de sua relação com o meio”, e assim, aliando os conceitos e métodos agroecológicos à sabedoria e experiência dos agricultores, as práticas sustentáveis vêm-se estabelecendo nas atividades agrícolas familiares (BRASILEIRO, 2009, p. 09).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa classifica-se como descritiva e qualitativa, pois buscou obter informações sobre uma determinada população, cujos sujeitos são vinculados à agricultura familiar e atuam em uma cooperativa na região do alto-oeste potiguar, a fim de descrever a relação desses agricultores com o cuidado ambiental.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da COOPAPI - Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável, localizada no município de Apodi, Rio Grande do Norte. A COOPAPI conta com 206 cooperados, trabalha em conjunto com 22 associações e em 16 casas de mel. Vem desenvolvendo um trabalho que tem o objetivo de fortalecer o cooperativismo por meio de projetos e parcerias, como o apoio à comercialização dos produtos dos agricultores cooperados (TORRES et al., 2011).

Considerando-se que a pesquisa se direciona a elucidar a problemática referente ao cuidado ambiental na agricultura familiar, o critério de escolha dos sujeitos da pesquisa foi o de agricultores familiares legalmente cooperados, com atividades agrícolas apoiadas pela COOPAPI, além do presidente e vice, secretários e tesoureiros da referida cooperativa, totalizando 15 entrevistados, sendo 14 agricultores residentes do Sítio Córrego e um agricultor residente do Assentamento Milagre. As entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos entrevistados, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE), elaborado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (CEP/UERN) e, posteriormente, foram transcritas, sistematizadas, categorizadas e analisadas.

Utilizou-se como base um roteiro de entrevistas com 13 questões, com o fim de fazer uma caracterização dos agricultores cooperados, identificando perfil técnico e histórico da cooperativa e dos agricultores, bem como, a percepção dos entrevistados a respeito do cuidado, do cuidado de si, do cuidado com a produção, com a família e com a comunidade em que vive e o cuidado ambiental.

A análise dos dados foi realizada por meio do método da Técnica Interpretativa, em que se observa nas respostas e as interpreta por conceitos e palavras-chave adotadas pela pesquisa, destacando-se pontos relevantes e transcrevendo algumas respostas, quando necessário, confrontando as afirmações dos entrevistados com os dados da pesquisa bibliográfica. Para auxiliar na análise dos dados foi utilizado o *Software NVivo®*, em que algumas respostas foram codificadas em forma de “Nós”, cujo resultado foi gerado pela técnica “nuvem de palavras”, apontando as palavras mais frequentes dos nós.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cooperativa estudada possui hoje mais de 200 cooperados e investimentos na produção de castanha de caju; polpas de frutas (caju, acerola, manga, goiaba, cajarana e abacaxi); milho, feijão, arroz, sorgo, amendoim; hortaliças (alface, coentro, tomate-cereja e cebolinha); criação e vendas de aves (codorna e galinha); caprinos, bovinos e suínos; além da prática do artesanato com a palha da carnaúba, tornaram-se tão protagonistas quanto a produção de mel de abelha. Nas palavras do tesoureiro, a COOPAPI foi fundada com a proposta de dar suporte comercial aos agricultores e, portanto, não podia se limitar a produzir e vender somente uma cultura e seus derivados (TESOUREIRO DA COOPERATIVA, 2018).

Os agricultores cooperados foram questionados sobre o que significa cuidado, e quase todos associaram o cuidado ao zelo e a prevenção. Para uma das agricultoras, cuidar é “zelar pelas coisas, cuidar é fazer os outros bem, é se dedicar, dar atenção para as pessoas e para as coisas que a gente gosta, né?”. Boff (2005, p. 29) corrobora com esse contexto de associação ao zelo, e complementa afirmando que o cuidado em sua própria natureza contempla dois significados básicos, que são profundamente ligados entre si. A “atitude de desvelo”, em se solidarizar e se preocupar com outrem. E a atenção, a preocupação e o zelo pelo outro, pelo fato do envolvimento e afetividade com o outro.

Outros agricultores vincularam o cuidado à saúde: “É ter cuidado com a saúde. Lembrar de lavar as frutas que a gente compra, porque essas coisas que a gente compra na rua não faz muito bem não, a gente pensa que faz, mas não é bom”. Outro agricultor completou que cuidado:

É prevenção. Cuidado que eu falo é poder prevenir, se eu conseguir me alimentar bem, ter saúde e autoestima melhor eu me desenvolvo melhor,

E então, quando foram indagados sobre o que entendiam por cuidado ambiental, muitos responderam que era o cuidado com a natureza, com as plantas, os rios e os animais. Outros trouxeram a questão do uso de agrotóxico, concordando que isso não é cuidado ambiental. O agricultor do Assentamento Milagre, enfatizou que: “Cuidado ambiental é na mente, tem que funcionar primeiro na mente da gente. O cuidado ambiental é entender que o que não é bom pra gente, também não pode ser bom pra natureza”.

Corrêa e Bassani, (2015, p. 646) sustentam essa afirmação ao compreenderem que: consciente de si mesmo, e sustentando a autenticidade para responsabilizar-se, poderá cuidar de si, e enquanto cuida de si, poderá cuidar do outro e do meio ambiente”. O presidente da COOPAPI, completou que cuidado ambiental:

São pequenas ações. Não adianta eu ter um projeto aqui querendo mudar uma política que está lá em Brasília, se eu não estou cuidando do meu espaço, dificilmente vou conseguir. Cuidado ambiental é isso, economizar água, energia, fazer reutilização, recurso. Cuidado ambiental é cuidar do nosso espaço, a gente tenta buscar nos outros e não fazemos nossa parte, não estamos economizando, fazendo o uso adequado. Cuidado ambiental é começar por nós aqui, nesse espaço aqui. O que eu estou fazendo hoje para melhorar o meio ambiente? E, mais ainda, é também mobilizar o outro a fazer, que é um pouco o trabalho que a gente tenta fazer na COOPAPI (PRESIDENTE DA COOPAPI, 2018).

Para outros agricultores cooperados, a ideia de cuidado ambiental também foi relacionada ao lucro que a cooperativa passou a ter com a produção de orgânicos, isto é, para esses agricultores o manejo agroecológico é também uma forma de cuidado ambiental e vem garantindo a permanência da cooperativa no mercado consumidor. Camponhola e Valarini (2001), embasam esse contexto ao afirmarem que o desenvolvimento da agricultura orgânica tem se destacado como importante alternativa de fonte de renda para os pequenos agricultores familiares, justamente porque mundialmente os consumidores têm optado por alimentos mais saudáveis.

No entanto, essa efetividade é questionada na COOPAPI, uma vez que em meio a mais de 200 agricultores cooperados, o presidente da cooperativa afirmou que apenas 15 cooperados estão de fato engajados no manejo de culturas orgânicas, introduzido através dos “quintais produtivos”, um projeto que a cooperativa iniciou justamente com o propósito de disseminar a produção sustentável e orgânica, sem a utilização de agrotóxicos, sem gerar impactos ambientais como o desmatamento e as queimadas do solo, e procurando sempre reaproveitar os recursos naturais investidos no cultivo dos quintais.

exposição ao sol. Outros agricultores citaram que cuidam de si quando fazem exames médicos periódicos: “Buscando manter minha saúde, né? Indo ao médico sempre que dá”. “Cuidando da minha saúde, pra viver bem e livre de doenças”.

Há aqueles que entendem que esse cuidado consiste também em uma alimentação saudável: “Cuido de mim plantando e consumindo orgânicos, para ter uma vida melhor”. “Procurando se alimentar melhor, dormir melhor, então isso é cuidar da gente”. Já no cenário feminino, as agricultoras entrevistadas salientaram o fato de se sentirem mais cuidadas quando encontram tempo para cuidar da beleza, hidratar o cabelo, fazer as unhas: “Mas isso é muito difícil, não sobra tempo pra esse tipo de cuidado”.

A nuvem da Figura 3 destacou as palavras: cuidado, melhor, saúde, unhas, esquece, alimentar, consumindo, médico, comer e descuidado, como as mais citadas no quesito cuidado de si.

Figura 03: Nuvem de Palavras do Cuidado de Si



Fonte: Elaboração das autoras gerado pelo NVivo com base nas entrevistas (2019).

No que se refere ao cuidado com a casa e família, as mulheres foram unânimes em responder que cuidam através das atividades domésticas: “Lavando roupa, fazendo comida, aguando uma planta, cuidando dos filhos”. Outra agricultora completou:

Você tá vendo aí, minha filha, eu cuido mantendo tudo limpo, organizado. Cozinhando bem, porque eu amo cozinhar, lavar minha louça direito, alimentar meus animais direitinho, organizar meu quintal. Porque, eu acho que todas essas coisas têm que ser feitas com amor, se a gente faz

entrevistas no quesito cuidado com a produção, sendo assim evidenciando o cuidado e o cuidado ambiental no contexto da vivência agrícola familiar, de base agroecológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a identificar a percepção de cuidado e de cuidado ambiental de pequenos agricultores familiares membros de uma cooperativa do interior Rio Grande do Norte. Nesse sentido foi possível verificar que a percepção do cuidado está relacionada ao zelo e prevenção, ao zelo no sentido de zelar pela natureza e pelas outras pessoas do convívio dos agricultores; e, prevenção no contexto da saúde, que por vezes é esquecida e descuidada; e, com a alimentação, que mesmo com a disponibilidade de produtos orgânicos, acaba sendo desregrada e descuidada.

No tocante ao cuidado ambiental, essa percepção se traduziu em zelo pelo meio ambiente, pelos recursos naturais disponíveis na fauna e na flora; e, no manejo com a produção, na forma como tratam a terra e os produtos gerados por meio do cultivo agrícola, sendo destacada a produção de culturas agroecológicas, que além contribuir com a geração de renda dos agricultores cooperados, também garante a soberania alimentar e nutricional.

A pesquisa revelou, ainda, que os cuidados com a produção acontecem por meio do manejo agrícola nos quintais produtivos, como o entendimento de que as queimadas ao solo, o uso de agrotóxico e o desperdício de água não condizem com a prática agrícola familiar e com o que propõe a produção agroecológica.

Concluimos, também, que os agricultores cooperados estão, na maioria das vezes, mais preocupados em cuidar de outrem do que de si próprios, pois observamos maior tempo empregado na gerência das demandas da vivência cooperativa do que no cuidado de si. Todavia, os agricultores entrevistados estão empenhados em cuidar de suas casas, famílias por trabalharem na agricultura, a fim de garantir o sustento necessário.

Por fim, os agricultores cooperados cuidam da comunidade a partir do momento em que estão informando às pessoas sobre os programas que podem ser acessados, sobre os direitos e deveres de cada cooperado. O cuidado com a comunidade evidenciou a temática do lixo doméstico e da necessidade de cada morador cuidar do seu próprio lixo e não deixar que se espalhe pela comunidade.

Nesse sentido, a pesquisa vem revelar que os agricultores cooperados não vivenciam a temática ambiental por meio de formações ou cursos que possam direcioná-los

a introduzirem a temática na sua ambiência de forma intencional, isto é, cientes de que praticam educação ambiental na agricultura familiar. No entanto, os agricultores vivenciam a educação ambiental por meio de suas práticas diárias de cultivo, assim, a temática ambiental é inserida nas atividades dos agricultores cooperados através do manejo nos quintais produtivos, que lhes permitem entender que a água deve ser utilizada sem excessos, que a produção deve se desenvolver de forma natural, sem uso de agrotóxicos, e que o solo deve ser preservado, a fim de que continue produtivo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BACKES, Marli Terezinha Stein; BACKES, Dirce Stein; DRAGO, Livia Crespo; KOERICH, Magda Santos; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Cuidado ecológico como um fenômeno amplo e complexo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, set-out; 64(5): 876-81, Brasília 2011.
- BERNAL, Alex Barroso; MARTINS, Adriana de Magalhães Chaves. **Programa de Educação Ambiental e Agricultura Familiar**: Caderno conceitual do PEAAF. Brasília: MMA, 2015.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo *ethos*. **Inclusão Social**, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. Brasília, 2005.
- BOFF, Leonardo.. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- BASSANI, Marlise Aparecida. (2012). **Psicologia Ambiental**. In: HAMMES, Valéria Sucena (Org.), Proposta metodológica de macroeducação - Educação ambiental para o desenvolvimento sustentável (vol. 2, 3a ed., pp. 125-131). Brasília, DF: Embrapa.
- BRASILEIRO, Robson S. Alternativas de desenvolvimento sustentável no semiárido nordestino: da degradação à conservação. **Scientia Plena** v. 5, n. 5, 2009.
- CAMPANHOLA, Clayton; VALARINI, Pedro José. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 69-101, set./dez. 2001.
- CORRÊA, Diogo Arnaldo; BASSANI, Marlise Aparecida. Cuidado ambiental e responsabilidade: possível diálogo entre psicologia ambiental e logoterapia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 4 p. 639-649, out./dez. 2015.
- Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 36, n. 3, p. 178-197, set./dez. 2019.
E-ISSN 1517-1256

CORRAL-VERDUGO, Victor. **Comportamiento proambiental**. La Laguna, Tenerife, Resma, 2001.

FINATTO, Roberto Antônio; SALAMONI, Giancarla. Family agriculture and agroecology: profile of the agroecological production in the city of Pelotas/RS. **Revista Sociedade & Natureza**, v.20, p.199-217, 2008.

GOMES, Ivair. Sustentabilidade social e ambiental na agricultura familiar. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, V.5- N.1, 2004.

KUHNEN, Tânia Aparecida. A ética do cuidado como alternativa à ética de princípios. **Ethic@** v. 9, n. 3 p. 155-168, Set. Florianópolis, 2010.

MARQUES, Isabel Ribeiro; ARAÚJO, Roger Albernaz. Possibilidades de um cuidado ambiental por entre um cotidiano antropocêntrico: discurso, mídia e representação. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v. 33, n.1, p. 213-229, jan./abr., 2016.

NODDINGS, Nel. **O cuidado**: uma abordagem feminina à ética e à educação moral. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PEIXOTO, Marcus. **Extensão rural no Brasil: uma abordagem histórica da legislação**. Senado Federal: Textos para Discussão nº 48, 27 p., 2008.

PERDIGÃO, Antônia Cristina. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos. **Análise Psicológica**, 4 (XXI): 485-497, 2003.

PINHEIRO, José de Queiroz; PINHEIRO, Thiago. Félix. Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e educação ambiental? **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, pp. 25-34, jan./abr. 2007.

SILIPRANDI, E. Rompendo a inércia institucional: as mulheres rurais e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. In: **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil**: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Org. Regina Helena Rosa Sambuichi et al. Brasília: IPEA, 2017.

SOUZA, Alessandra Silva de. Um debate acerca da soberania alimentar e da agroecologia: um desafio de percepção e de prática. Ou, de que lado é o meu quintal? **Revista Pegada** – vol. 10 n.1, 2009.

TORRES, Fátima de Lima; TORRES, Antônio Caubí Marcolino; SOBRINHO, Francisco Barbosa; DIAS, Thiago Ferreira; NUNES, Emanuel Márcio. Inserção da agricultura familiar sustentável no Programa Nacional de Alimentação Escolar, PNAE: o caso da COOPAPI, Apodi-RN. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, p. 1-6, 2011.

Submetido em: 15-10-2019

Publicado em: 17-12-2019